

## GÊNERO E SEXUALIDADE EM (DES)CONSTRUÇÃO

Rafaella de Sousa Silva - UFCG  
[lela\\_cubati@yahoo.com.br](mailto:lela_cubati@yahoo.com.br)

### RESUMO

O trabalho que (aqui) desenvolvemos enreda-se discursivamente por História, gênero e sexualidade. Sendo assim, buscamos pensar como o saber historiográfico age interdisciplinarmente com múltiplos saberes no “uso” da tecitura cultural; na tentativa de (re)narrar como os *seres estão sendo* e significam modos de agir em negociação entre os mundos micro e o macro-sociais . Para pensar como sexualidade e gênero são espaços e (não) lugares co-dependentes em ininterruptas negociações. Para tanto, partimos de ferramentas teóricas de traços pós-estruturalistas que vão se fazendo úteis para (re)pensar signos e significados culturalmente construídos. Onde partindo de escolhas, buscamos pensar como tais negociações se (re)fazem e são “usadas” – como lembra-nos Certeau – no descontínuo que se forja nas experiências cubatienses que nos foram relatadas. Nos permitindo redimensionar e refletir leituras sobre identidades e identificações social e culturalmente construídas ; também possíveis de serem desmontadas a partir dos relatos de vida possibilitados pela feliz aglutinação dos nossos interesses com a História Oral. No mais, esse texto pretende produzir um efeito desconcertante para os possíveis leitores que comodamente trazem “verdades” fixas e uno-homegeneizantes, desejosas de serem solidificadas desde influências cientificistas do Positivismo quanto a gênero e sexualidade. Pois trabalhamos com leituras culturais que percebem a sociedade pós-moderna como pluralizada, móvel, flexível e em aberto...

Palavras-chave: gênero, sexualidade e História Oral.

## GÊNERO E SEXUALIDADE EM (DES)CONSTRUÇÃO<sup>1</sup>

“Dessa condição de conviver com o semelhante advém à metáfora da bula. Tal como no caso dos remédios, a bula contém a composição do sujeito (quem ele é ou o que se pretenda que ele seja), as indicações do uso (seu lugar e função no mundo), o modo de usos (como agir, desejar) e até mesmo os efeitos colaterais (riscos decorrentes de sua presença no mundo)”

*José Sterza Justo*

Uma rápida exposição aos leitores menos familiarizados com reflexões sobre gênero, aqui se faz interessante, em um momento de rebusca e analogia à própria palavra e alguns possíveis impactos nas vivências cotidianas pós-movimentos de contestação. Para tanto, aproximamo-nos de Sousa (1997, P.9) ao colocar que “o conceito de gênero foi construído a partir do vocábulo inglês *gender* e é utilizado para falar da construção cultural e simbólica das relações homem-mulher. Falar em gênero é, portanto, pensar não em homens e mulheres biologicamente diferentes, mas em masculino e feminino constituídos a partir de relações sociais fundadas nas diferenças lentamente construídas e hierarquicamente determinadas”. Entretanto, para tal vontade de determinação, um mundo de burlas e trampolinagens pode emergir, e não é interessante deixar de sinalizar isso.

Em proximidade ao extratexto acima, construímos nosso discurso a partir de um arsenal de escolhas, minúcias e detalhes que o mergulhar na pesquisa nos possibilita se não pegar, ao menos tocar. Em contato com tecituras de tramas e relações de poderes, que percebem um processo descontínuo de integração e diferenciação de gênero enquanto nódoa, em uma ininterrupta negociação de perfis que se fazem, desfazem, refazem, forjando novas-velhas formas.

Sinalizando essas plurais formas de perceber e repensar gênero, os estudos e as críticas feministas desarmam campos teóricos a perceber as sensibilidades e as negociações cotidianas que se fazem e refazem em torno dessas. “Juntamente com a influência da psicanálise, tanto freudiana quanto lacaniana, e do pós-estruturalismo” (SCHULMAN, 2006, P.240), que ajudaram a

---

<sup>1</sup> Esse artigo é resultado do terceiro capítulo da monografia de graduação do curso de História da UFCG no período 2007.2, defendida (por mim) para obtenção do título em licenciada em História. Tendo por título: *Ser ou não ser? Nódoas de masculinidade na Cubati Contemporânea*. Onde a partir de leituras teóricas e relatos de vida possíveis a partir da nossa relação com a História Oral, percebemos o masculino cubatiense envolto em uma rede de significados múltiplos, que dão a esse o caráter pluralizado na nodosidade (enquanto algo não uno, descentrado, nublado e em aberto...).

redimensionar o interesse nas identidades de gênero, suas subjetividades e frágeis construções que perpassam o “par-ímpar de Pitágoras” na associação dos opostos e aos binarismos do homem-mulher, masculino-feminino. Onde recolocando alguns ditos, sem enaltecer – e elevar demais – tais movimentos sócio-históricos, o feminismo cambaleia entre o desmonte, inversão e a reprodução de tendenciosos determinismos. Mas deixemos para outro momento, tal discussão que acirra ânimos por onde passa. Talvez essa não seja à hora!

Voltemos à epígrafe que se não passada a invisibilidade, fez-se inquietante para quem se aproxima das leituras apresentadas em intertexto com nossas escolhas. “A metáfora da bula”, indicada por alguns (inclusive psicólogos) quando da vontade de localizar e limitar as possibilidades do *ser*, e mais audaciosamente aquilo que o cerca, colocando-o em uma redoma que diagnostica o *ser* e seus *fazeres*. Enquanto representação da imagem invertida das leituras multiculturais e em aberto em circularidade na pós-modernidade. Trazendo como requisição uma gama de não-ditos que não atestaremos por ver na historicização dos sujeitos e em suas diferenças... No sentido mais plural, uma relação de alteridade viva e metamorfoseante do fazer história. Salientando que essa pode ser uma das vias, pois o texto é um *meio*...

Um meio que (aqui) não mais convencido da racionalidade cientificista recria uma “hiper-realidade” (SHULLER, 2006) frente ao tédio do “real” que se vê apresentar. Procurando nas palavras menos erradas, formas de pensar os espaços em metamorfose que elastecem, fragilizam e/ou fazem cair por terra às fronteiras de gênero, quando apresentado de forma coisificada. Sendo assim, pegamos o caminho mais aberto... Para o caminhar da análise dos discursos nas trajetórias de vida que nos foram narradas, e passam a serem re-narradas cada vez que tocadas, escutadas, lidas...

### **3.1. Amar ou não-amar? Sensibilidades em conflito**

Uma vontade de recorrer – novamente – a Filosofia nos toma, em uma questão que se lança em múltiplas respostas, que terminam por se anular nessa busca por verdade. Então por que tratar de sensibilidades indizíveis, ditas inviezadamente, salientando a incompletude e desejo de crítica que pode vir a abrir-se frente a esse não deixar quieto? Por termos sido inquietados pelas narrativas talvez seja um dos motivos, assim como por sentir-nos desafiados em trabalhar com sensibilidades, sexualidade e gênero.

Dentre as narrativas que nos bolinaram do lugar, duas em especial travaram “conflitos de amor”, dentre essas, temos a de José Fratelo<sup>2</sup>, que prefere ser chamado de Sabrina Pavanelly, solteiro, 20 anos, morador da zona urbana cubatiense... Quando fala-nos do espaço relacional do conquistar e deixar-se conquistar. Dize-nos;

---

<sup>2</sup> Entrevista com José Fratelo de Medeiros cedida a autora dia 19 de janeiro de 2008.

Eu acho que amor entre pessoas do mesmo sexo não existe [...]. Chegar a sentir amor verdadeiro um pelo outro é uma mentira que eu discordo [...]. É prazer por prazer [...]. Minha relação (sic) com alguns homens são praticamente, praticamente não, são escondidas [...]. Aqui em cubati a cidade é pequena, a senhora sabe né (risos) [...]. Ninguém quer que o homem fique com o homossexual [...]. Agente todo mundo sabe que gosta de homem [...]. Nunca senti nada por mulheres, j-a-m-a-i-s [...]. Agente não tem o que esconder, fiquei com um certo rapaz, vacilei, contei pra uma amiga e ela espalhou, o cara veio querendo me bater (risos) foi um vira e meche só, quase me mata (risos)

Nossa leitura vem sendo construída no descontínuo que se forja. Sendo assim, quando Fratelo-Sabrina - esse sujeito que nega ter por uno inclusive o nome - fala-nos das formas de relacionar-se, um leque de possibilidades de desmontar e refazer leituras de gênero se apresenta à mesa, nos possibilitando começar o jogo. Sendo assim, escolhemos ou escolheram por nós as palavras como cartas, por vezes mais desafiadoras que os números do baralho. Seus ditos passam a problematizar lugares desejosos de serem fixos. Pois *nunca senti nada por mulher, j-a-m-a-i-s; agente todo mundo sabe que gosta de homem, ninguém quer que o homem fique como homossexual, minha relação com alguns homens são escondidas*. Uma das cartadas possíveis é questionar: Qual a fronteira capaz de colocar de um lado o homem e do outro o homossexual? Os fragmentos escolhidos fazem nos ditos uma delimitação onde o homossexual *todo mundo sabe que gosta de homem, j-a-m-a-i-s senti nada por mulher*; o que leva ao oposto o homem que é homem. Eis a questão dos não-ditos que agem como *nódoa* cinzenta que esconde e provoca o desmonte da cerca-fronteira. Pois se o homem que é homem gosta de mulher, o que *estão* sendo os que (não)dizem relacionar-se com outros homens escondidos? Questões que fratelo-Sabrina nega-se a fazer, talvez por uma estratégia de defesa, ao menos no momento de *escuta*.

Pois há uma delimitação que toma por nítida entre o ser homem, e uma de suas projeções, o ser homossexual, enquanto entidades em separado, que se rejeitam e talvez só existam frente a essa vontade de repulsa, de separação de lugares e desejos. *J-a-m-a-i-s* por mulheres, conta-nos em relato, fazendo com que interrogações nos incomodem a ponto de querermos dividi-las agora, sendo essa: porque dessa aversão tão enfática, encenadamente não-autruísta no j-a-m-a-i-s ter desejo por mulheres?

Ainda repensando seu discurso, quando fala-nos: *eu acho que amor entre pessoas do mesmo sexo não existe, é uma mentira, é prazer por prazer*. Mentira ou verdade, existir ou não existir

*amor*; esse sentimento que de tão “puro” pode ser sentido e vivido por pessoas de sexos opostos e desautorizado para o inverso. É também aqui a subjetividade da hierarquia dos sexos, do pode ou não-pode sentir prazer (enquanto sensação mensurável que não é), que se faz perceber a separação dessas sensações em pólos tão distantes, *amor* e *prazer*, respectivamente ditos como “pureza” e “libido”, espaços que não se cruzam? Sendo assim, que se angustiem os que vivem nesse cruzamento, pois os não-ditos *é mentira*, nessa relação discursiva de negação. E é pela complexidade de tentar falar do indizível que permitimo-nos desconfiar das fontes, deixando-nos abertos a outras leituras...

Posto isso, suas falas já denunciam outras formas de lidar com o sacralizado ritual de contenção libidinal, nessa nova cultura que centraliza (o antes negado) prazer sexual, que com a individualização dos sujeitos – inclusive o feminino – outros “cantos” são visitados para além do lar da primeira mulher, lembrada por Lipovetsky (2000, P.231-236). E esse deslocamento reformula e permite o dito *prazer por prazer*, sedimentando novos territórios e desterritorializando outros, nesse novo mundo possibilitador e por vezes legitimador dos desejos. Logo mais, voltaremos a repensar esses deslocamentos!

Para tanto, reafirmando esses lugares de relacionamentos, permissões e proibições do ser ou não ser homem, outros fragmentos de sua História de vida nos é narrado. Conta-nos Fratelo-Sabrina;

Eu não optei por ser homossexual, vou usar saia [...]. Fui me identificando e de repente quando eu vi tava ali, tava vivendo isso [...]. Quando minha mãe saía de casa eu pegava (risos) e pegava uma toalha e botava na cabeça pra dizer que era cabelo longo de mulher [...]. Eu pretendo me transformar [...]. Não acredito que deixe de ser filho de Deus por isso [...]; eu sou igual a todo mundo [...]; eu me identifico muito com religião, sou muito católico, rezo muito, peço muito perdão, pois não sei se to errado, quer dizer né (sic)? (risos). Imagino, por ler a bíblia que não é o certo.

Percebemos o mundo simbólico dos signos que fazem sentido nas vivências cotidianas das práticas ordinárias, desse sujeito que coloca-nos: *eu não optei em dizer eu sou homossexual [...]. Quando minha mãe saía de casa eu pegava saia [...]*; Vejamos: dizer *não-optei por...* Faz parecer algo inato, um quase “defeito genético” inevitável de fuga e cura, o que o próprio descreve por *opção* sexual, concomitante paradoxal a suas escolhas, por sua vez, construções diárias cheias de

detalhes, de minúncias do pegar *saia escondida*... Entre outras deixas que sua elaborada reformulação discursiva quando descuidada nos permite invadir.

Novamente uma figura de linguagem invade sua fala, a saber, o paradoxo, na construção reelaborada do que dizer e do que não-dizer. *Eu sou igual a todo mundo, eu me identifico muito com religião [...], peço muito perdão, pois não sei se to errado... Imagino, por ler a bíblia que não é certo!*

Nesse momento o “eu” fragmentado em múltiplos “eus” encena-se, na tentativa de anulação das diferenças, operação sem sucesso, pois esse sujeito reforça a existência dessas, que se tornam tão presenciáveis que se faz necessário uma negociação ininterrupta com “n” discursos, aqui mais veementemente com o religioso-católico. Para tanto, uma discussão sobre religiosidade, delimitação de papéis sociais e formas de *ser*, inclusive no discurso religioso, é uma releitura que se reformula - nos temp(l)os pós-modernos, e não se trata aqui de deslegitimar a tradicionalidade, mas perceber – ao menos epidermicamente – as plurais formas de reapropriar-se desse tradicional, também, na destradicionalidade daquilo que contradiz uma vontade de essência e unicidade. É sabendo que o trabalho presente não dá conta de uma interessante cumplicidade com a literatura dos discursos religiosos, e que também não é a proposta presente do estudo, que deixamos por aqui – mas não por acabado – o discurso que se constrói permitindo-se levar pela pesquisa.

Salientando que o interesse agora presente é buscar as representações desse sujeito múltiplo e fragmentado, que imerso em uma relação de alteridade, deixa-se transbordar de sensibilidades em metamorfose; que se faz percebido as auto-identificações e as construções das identidades a partir de oposições e conflito. Uma troca de lugares que se (re)fazem relacionalmente, não passivamente, em uma interação informante-pesquisador que perpassa o esperado, trazendo na “surpresa”, no inesperado, a riqueza das narrativas.

Um universo complexo e instigante, ainda repensando relacionalmente, a sexualidade e as formas de perceber-se envolvido nessas tramas, é recontado por Altemir<sup>3</sup>, que prefere ser chamado por Keethelen Marrone, solteiro, 23 anos, morador da zona urbana cubatiense... Quando conta-nos das suas experiências em proximidade e/ou distância para com o discurso de Fratelo-sabrina. Onde diz-nos;

Não, licença bicha! Da minha parte eu cheguei a amar, eu já amei uma pessoa do mesmo sexo, você é prova disso, agora não sei da parte do meu parceiro [...]. Eu cheguei até a c-h-o-r-a-r amiga (risos). No meu caso eu já cheguei a beijar uma mulher, nem gostei, mais foi um beijo roubado, chegar a amar mulher n-u-n-c-a [...]. Aí agente pra arrumar

---

<sup>3</sup> Entrevista com José Altemir da Silva cedida a autora dia 19 de janeiro de 2008.

um parceiro, namorar em uma praça j-a-m-a-i-s! Na boate mesmo, agente já chegou a beijar, dançar; mais o dono da boate é preconceituoso com certeza, nem beijar pode, porque botava pra fora [...]. Sobre homossexualidade, foi uma escolha minha e eu gosto de ser aquilo que eu sou.

Comecemos pelo final de sua fala, quando do “eu gosto de ser aquilo que eu sou”, na leitura que mesmo indiretamente joga com as identidades e diferenças daquilo que “eu” (s) sou o que você não é (HALL, 2000), essa insaciável necessidade de reafirmar um lugar definível, dizível, que demarque fronteiras de gênero – que por sua vez são elásticas, móveis –. Distanciando-se da narrativa de Fratelo-Sabrina que prefere anular-se entre os *iguais*, reformulando nosso dito, reafirmar seu “lugar ao sol”, de forma mais cômoda e segura. E nesses intercruzamentos, nas linhas de fogo cruzado, novas batalhas se travam entre os ditos e desditos.

Amar ou não amar? Por mais escorregadio e polissêmico que seja o conceito, falavam-nos (Keethelen<sup>4</sup> e Sabrina) não simetricamente de sentimentos relacionais que mesclam sexualidade, prazer... E outras sensações do *estar* junto, ou “*ir passando*”. Por que não-simétricas? Por tratar de retóricas por vezes dispares que tentavam persuadir o outro. Coloca Altemir-Keethelen que: *da minha parte eu já cheguei a amar, eu já amei e você é prova disso*. E Estamos interagindo em um embate discursivo de pessoas que preferiram falar conosco juntas, que *aparentemente* e *confessadamente* se identificam nas praticas cotidianas, nas artes do vestir, dançar, flertar, divertir-se...

Percebem como as posturas e códigos sociais estão em negociação e inter-relação cotidianamente? E que nos lugares e estilos de vida mais diversos, não conseguimos nos desprender da leitura de que “o homem é plural, diverso, descentrado, um labirinto composto através das interações que se estabelece. Ou seja, o homem emerge do novo que caoticamente surge” (LOPES, 2006. P. 38).

São nesses espaços discursivos que circulam formas de pertencer a sensações em conflito, entre permissões, proibições, entre a publicização e o escondido. Mas tentemos não fugir da fala de Altemir-Keethelen, quando diz: *você é prova disso*, esse tenta solidificar sua forma de relacionar-se enquanto algo que de tão verdadeiro é provável, e isso incomoda Fratelo-Sabrina que diz – ainda

---

<sup>4</sup> É interessante ressaltar uma das falas não destacadas de seus relatos, a saber, o processo de nomeação, de incorporação desse outro lugar, que pretendido a “espelhar-se” no feminino, pede que o nome também comungue com a pretensão. Vejamos essa modificação das sensibilidades com os corpos, pois antes o nome quase obrigatoriamente relacionado ao parentesco e intenções religiosas, nomes de parentes e/ou nome de santos, hoje, a partir de seu discurso percebemos que a mídia-pop também já alcança esses lugares, pois diz-nos: “eu escolhi esse nome, o primeiro porque é chique, e o segundo porque sou fã de Bruno e Marrone...”

tentando passar-se a verdade – não passar de *ilusões*. Forjando mais um espaço de desconexão com leituras que tentam homogeneizar, dar unicidade a identidades de gênero, a tribalização, como lembra-nos Mafesoli (2006) na negação do substancialismo, no deixar ser pela lei do “outro” (decepção para quem busca simplismos na multiplicidade do interior de si).

Sendo assim, ainda repensando a fala de Altemir-Keethelen e as possibilidades de uso de seu discurso, quando busca pensar a noite cubatiense, a saber, a boate, trazendo denúncias experiências; diz: *Na boate mesmo, agente já chegou a beijar, dançar; mais o dono da boate é preconceituoso com certeza, nem beijar pode, porque botava pra fora*. Uma representação dos espaços delimitados, onde tem que saber o que pode ou não acontecer, quem e de que forma podem se envolver sexualmente nos ambientes visíveis... E tantas outras reflexões que podem ser trabalhadas em tangência com a fala de Maria das Neves<sup>5</sup>, casada, 58 anos, dona de boate por mais de vinte anos, moradora da zona urbana... Quando relatava-nos dentro desse espaço noturno de festas e sociabilidade, nem sempre harmônico. Dize-nos;

Outro dia até aquele viado Altemir foi uma confusão na boate, porque ele saiu e foi pro banheiro das mulheres (silêncio), aí veio me contar, Dona Maria Altemir está indo pro banheiro das mulheres, e eu fui lá, chamei e falei com ele, você não vá mais, porque não dá certo [...]. Aí eu perguntei: Altemir, por que você foi pro banheiro das mulheres? Vá pro dos homens, e ele disse: não! Eu sou mulher e quero ir pro banheiro das mulheres [...]. Eu acho *ridículo*, eu não dou ponto a isso não, *eu acho que ele tinha que fazer como homem mesmo...*

É uma narrativa que dispensa culpados e tenta culpar ao “tempo” por essas metamorfoses que deslocam lugares, confundem discursos, provocam negociações, retorcem sujeitos (em casulos), na negação desse espaço *estranho*. Como no discurso de Altemir-Keethelen já denunciava a não-permissão do relacionar-se no interior da boate, o de Dona Maria, como é re-conhecida, trás esses estereótipos que representam à parte e o todo ao qual se envolve, em uma relação não-extemporânea.

*Outro dia até aquele viado Altemir foi uma confusão na boate, porque ele saiu e foi pro banheiro das mulheres*, e isso não é “papel de homem” para Dona Maria, isso é perturbação, confusão que não existiria se todos os homens aceitassem ser o que são, afinal de contas *eu acho que ele tinha que fazer como homem mesmo*, é como se houvesse uma entidade maior que

---

<sup>5</sup> Entrevista com Maria das Neves Cassimiro de Lima cedida a autora dia 14 de janeiro de 2008.



representasse o *ser homem*; e esse não seria alguém que se senti mulher a ponto de entrar no banheiro reservado para essas, pois homem que é homem tem que saber o seu lugar, saber que deve honrar as calças que veste se não passa ao *ridículo*. Essa última uma palavra-livro onde o caos se encena, na negação extrema dessa inversão dos papéis, é aquilo que trás em si a ridicularização desse mundo perdido, que as entrelinhas de seus ditos nos permitem sinalizar.

E é nessa tentativa sempre incompleta de repensar a historicidade desse espaço nebuloso, que nódoas de gênero borram as relações desses sujeitos históricos onde, na vontade de se agarrar a algo seguro, vê por *estranho e negativo* o que não-é facilmente definível.

## **BIBLIOGRAFIA**

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer/ trad. Ephraim Ferreira Alves – 2.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JUSTO, José Sterza. “A psicanálise lacaniana e a educação”. In: CARRARA, Kester (org). Introdução a Psicologia da Educação: seis abordagens. São Paulo. Avercamp, 2004. P. 97.

LOPES, Rosana Pereira. “Um novo professor: novas funções e novas metáforas”. In: Redes Digitais e Metamorfose do Aprender/Hugo Assmam (org), Rosana Lopes, Rosemere Carvalho do Amaral Delcin, Gilberto Canto, Getúlio de Souza Nunes. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006. P. 38.

LYPOVETSKY, Gilles. “A pós-mulher no lar”. In: A terceira mulher: permanência e revolução do feminino/ \_\_\_\_\_; trad. Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 2000. P. 231-236.

MAFESOLI, Michel. “O retorno das emoções sociais”. In: Metamorfose da cultura/ Fernando Schuler e Juremir Machado da Silva (orgs.). – Porto Alegre: Sulina. 2006.

SCHULMAN, Norma. “O center for contemporary cultural studie da Universidade de Birmingham: uma história intelectual”. In: O que é, afinal, Estudos Culturais? / Organização e tradução de Tomaz Tadeu da Silva. – 3.ed. 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica; 2006. 240 p. – (Estudos Culturais, 2).

SHULLER, Fernando. “Metamorfoses da modernidade”. In: Metamorfose da cultura/ Fernando Schuler e Juremir Machado da Silva (orgs.). – Porto Alegre: Sulina. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ \_\_\_\_\_ (org.). Stuart Hall, Kathlyn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 73-102.

SOUSA, Valquíria Alencar de. Um olhar de gênero nas temáticas sociais / \_\_\_\_\_. João Pessoa: Idéia, 1997. P.